

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Estratégia educacional com recurso audiovisual: abordagem na violência intrafamiliar

 Ludmila Caetano de Moura*
Ana Socorro de Moura**
Ana Maria de Oliveira Carneiro***
Frederico Caetano de Moura****
Geisa Sant'Ana*****
Manuela Costa de Melo*****

Resumo: A violência intrafamiliar é uma temática complexa e relevante problema de saúde pública que requer atenção por parte dos profissionais de saúde. Este estudo busca relatar a experiência de professores que utilizaram o vídeo como tecnologia educacional na abordagem do tema violência intrafamiliar, e, assim, proporcionar espaço de debate e saberes, numa perspectiva ampla e inter-relacionada, contribuindo na educação profissionalizante. O relato descreve as atividades organizadas em quatro etapas realizadas com 32 profissionais da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal no Curso de Especialização Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde da Família, da Escola Técnica de Saúde de Brasília. O relato conclui que a aplicação dos vídeos educativos mostrou-se adequada, acessível, propondo atividade dinâmica, lúdica e visual como recurso didático apropriado com foco na violência intrafamiliar. Buscou-se abordar o tema que transcende o cotidiano social e pedagógico, de forma a promover a interação conceitual. Sendo assim, as atividades desenvolvidas promoveram subsídios para prevenção e identificação da problemática da violência nos distintos cenários da vida.

Palavras-chave: Violência na família. Tecnologia educacional. Vídeos educativos. Ensino. Aprendizagem ativa.

* Psicóloga. Especialista em Dependência Química. Psicóloga do CRAS da Secretaria de Assistência Social, São João D'Aliança-GO. Professora convidada-Curso de Especialização Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde da Família/ETESB/FEPECS. Contato: ludmilacm90@gmail.com.

** Professora, enfermeira, psicodramatista, psicopedagoga e mestre em Ciências da Saúde (UnB). Professora da Escola Técnica de Saúde de Brasília/FEPECS. Contato: prof.ana10@gmail.com.

*** Cirurgiã dentista, advogada. Especialista em Radiologia Odontológica e em Saúde Pública. Mestre em Saúde Coletiva pela UFMG. Professora da Escola Técnica de Saúde de Brasília/FEPECS. Contato: ana-carneiro6@hotmail.com.

**** Médico. Residente em Cirurgia Geral da Secretaria de Estado de Saúde de Brasília. ESCS/FEPECS. Contato: fredcm90@gmail.com.

***** Enfermeira. Doutoranda e Mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências da Saúde da UnB. Professora da Escola Superior em Ciências da Saúde/FEPECS. Contato: geisa.s.ana@gmail.com.

***** Enfermeira. Doutora e mestre em Ciências da Saúde pela UnB. Professora da Escola Superior em Ciências da Saúde/FEPECS. Contato: melomanuela.91@gmail.com.

Introdução

A violência intrafamiliar é definida como “toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família” (BRASIL, 2001, p.15). Reforça-se também que isso “não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também às relações em que se constrói e efetua” (Id., *ibid.*).

Desde a década de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) destacam as violências como problema de saúde pública no mundo, sendo, portanto, um dos grandes desafios para a Saúde Pública (MACHADO et al., 2014; VIEIRA NETTO; DESLANDES, 2016).

A Estratégia Saúde da Família (ESF) é uma estratégia prioritária para expansão, consolidação e organização da Atenção Básica, sua equipe é composta por médico, enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem e agente comunitário de saúde. No cenário de atuação desses profissionais, compreende-se sua inserção no cotidiano das famílias, com avaliação da dinâmica e vivências do seu território, em um contexto social e cultural. Assim, torna-se prioritário reconhecer a importância política e preventiva da ESF para o enfrentamento das violências (MACHADO et al., 2014; VIEIRA NETTO; DESLANDES, 2016).

A temática da violência intrafamiliar envolve a comunidade de várias formas, ao alcançar e influenciar a saúde das pessoas a ela submetidas, que, em sua complexidade e importância, revelam um proeminente problema de saúde pública que requer atenção pelos gestores do Sistema Único de Saúde (SUS). As fragilidades no tocante à realização de diagnóstico e registro de casos de violência intrafamiliar, por parte dos profissionais de saúde, exigem que eles sejam preparados para ações de reconhecimento e atendimento em relação ao problema (BRASIL, 2001).

Salia-se a relevância dessa ação profissional, pela posição que ocupa na assistência à saúde, o que solicita uma preparação prévia com a finalidade de instrumentalizar para a identificação do fenômeno da violência, por essa produzir efeitos expressivos que abrangem a comunidade de igual modo no aspecto social e na saúde. Os que convivem com a violência em seu dia a dia recebem os efeitos dela, que provocam alterações em sua saúde física, mental e social, o que exige uma ação inadiável dos gestores (MAGALHÃES et al., 2017).

Muitas práticas profissionais provocam um emudecer de atos relacionados à violência intrafamiliar, o

que influencia na invisibilidade do problema. Isso porque o despreparo do profissional, muitas vezes, envolve atuações com uma abordagem de forma generalizada, regida por normas corporativas que apontam para a não concepção real de seu papel na rede de serviços, no sentido de promover a proteção dos que estão afligidos. Assim, age de forma reducionista, limitando-se a uma assistência meramente física, sem o registro de atendimento e a notificação dos casos (SCHEK et al., 2018).

O aspecto da prática educativa, em violência intrafamiliar, torna-se relevante na saúde pública por entender que inquietações, questionamentos e desdobramentos estão presentes na dinâmica de trabalho de maneira inter e multiprofissional. Dessa maneira, o Curso de Especialização Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde da Família, viabilizado pela Escola Técnica de Saúde de Brasília (ETESB), para servidores da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF), oportunizou, na programação, a abordagem da temática violência intrafamiliar. Dessa forma, optou-se pelo uso de uma ferramenta educacional no campo das artes, a utilização de produções videográficas disponíveis, com o intuito de mediar, acompanhar, e assim, possibilitar não apenas o falar/responder, mas também o ouvir (ALVARÃES; ROCHA; BARRETO, 2010).

Trata-se de um tema que envolve o ser humano. Sendo assim, torna-se imperativo utilizar uma mensagem sensível a barreiras culturais, e não meramente um barulho intercultural, para que, dessa forma, possa progredir em ações que promovam uma assistência à saúde factível. Portanto, este estudo justifica-se ao perceber a relevância da temática para o acompanhamento intrafamiliar, tendo em vista a necessidade de preparar o profissional de saúde para lidar com assuntos relacionados à violência intrafamiliar, e, assim, utilizar as facilidades que o uso das tecnologias proporcionam em sala de aula.

Dessa maneira, buscamos, como objetivo neste estudo, relatar a experiência de professores que utilizaram o vídeo como ferramenta educacional para abordar a temática da violência intrafamiliar, a fim de proporcionar um espaço para a discussão de aspectos inter-relacionados.

1. Material e método

Trata-se de relato de experiência de professores com o uso de vídeo como ferramenta educacional utilizada na abordagem do tema violência intrafamiliar.

A atividade de educação profissionalizante foi organizada para ser desenvolvida em quatro horas, no Curso de Especialização Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde da Família, da Escola Técnica de

Saúde Brasília (ETESB), ocorrido em 2019. Participaram 32 profissionais da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) – Técnicos em Saúde Bucal e Técnicos de Enfermagem. Foram utilizados a ferramenta educacional específica no campo das artes (vídeos), os recursos da internet e a televisão.

1.1 Caracterização da estratégia pedagógica

A opção pela estratégia do recurso audiovisual vídeos, como ferramenta educacional, considerava estabelecer uma mediação e acompanhamento e, assim, possibilitar uma escuta qualificada pelos profissionais de saúde, com oportunidade de aulas práticas e dinâmicas sobre a temática. A ideia central era propiciar muito mais do que entretenimento, mas gerar uma inquietação na busca do conhecimento e, também, um ambiente acolhedor de fala e escuta coletiva.

O uso de vídeos como ferramenta educacional em sala de aula cria condições para se contrapor ao ensino tradicional, ao possibilitar a apresentação do tema de forma estruturada. Assim, beneficia a transmissão de informações que precisam ser ouvidas ou visualizadas (FIDELIS; GIBIN, 2016).

Para o planejamento das atividades educacionais, foi necessário estudo prévio, aprender sobre a temática e identificar nas produções videográficas significância pedagógica a ser debatida. A atividade foi nomeada como Cine viagem. O professor, ao identificar as situações no vídeo, propicia as conexões com os aspectos relacionados ao tema, atuando como facilitador da aprendizagem. Com o conjunto de informações organizado, o profissional de saúde conseguirá identificar aspectos de relevância da saúde cujo processo de ensino e aprendizado, ao ser mediado pela discussão estruturada do vídeo em pequenos grupos, atingirá seu objetivo como atividade educacional.

A mediação do vídeo no processo ensino e aprendizagem concebe significados que podem ser inter-relacionados com conhecimentos prévios e vivências. Ou seja, dispor de tecnologias pedagógicas pode contribuir para a aprendizagem significativa, incentivar o raciocínio e a análise (ALVARÃES; ROCHA; BARRETO, 2010).

1.2 Atividade educacional desenvolvida em etapas

A atividade da Etapa 1 inclui a seleção dos vídeos, que foi realizada pela plataforma YouTube, a qual disponibiliza inúmeros recursos e promove uma ampla interatividade. A seleção identificava aspectos de relevância que possibilitassem a leitura sequencial a ser apresentada aos estudantes, de forma que a produção videográfica gerasse conhecimento e reflexão acerca

do tema. A diversificação do material objetivou aproximação das múltiplas abordagens da realidade e das formas diversas de aprendizagem.

A seguinte, Etapa 2, refere-se à aplicação em sala de aula, na qual a apresentação do vídeo foi precedida por uma exposição do tema em Power Point, destinado à teorização dos conceitos, incluindo tipos de violência: física, psicológica, institucional, moral, sexual e negligência, relacionando-a ao idoso, à mulher, ao portador de deficiência, a crianças e adolescentes, bem como às condutas aconselhadas pelo Ministério da Saúde. Na sequência, os vídeos aparecem como disparadores para o debate e argumentação nos pequenos grupos.

Quadro 1 – Caracterização dos vídeos apresentados na atividade desenvolvida

	Título do vídeo	Tempo	Produção
1	Campanha de combate à violência contra o idoso - 2015	3:47 min	Governo do Estado do Amazonas
2	Áudios de vítimas de violência doméstica publicados pela PM de SC - 2017	2:09 min	PM de Santa Catarina
3	Violência contra deficientes dispara - reportagem - 2013	3:08 min	Jornal da Gazeta - São Paulo
4	Violência contra crianças e adolescência - reportagem - 2018	3:28 min	União Brasil - Ceará

Fonte: organizado pelos autores.

Na Etapa 3, após a exibição dos vídeos, os professores realizaram uma explanação norteadora no intuito de que a atividade contemplasse o foco da aula. Os estudantes foram esclarecidos de que a atividade não se restringia a um entretenimento, mas produzir uma avaliação crítica e reflexiva. Os professores sabiam do seu papel de auxiliar o estudante a conseguirem fazer sozinhos. A proposta de utilização de vídeo foi construir a aprendizagem significativa, de forma que os estudantes pudessem consultar suas memórias e conhecimentos prévios, motivando-os intimamente, gerando, por consequência, engajamento na atividade. Dessa forma, o propósito foi que cada grupo fosse capaz de identificar situações que esclarecessem, confirmassem ou contestassem os saberes relacionados ao tema. E assim, desenvolvessem a reflexão, o aprendizado e o conhecimento.

Durante as atividades, privilegiou-se a comunicação colaborativa entre os estudantes, oferecendo a

oportunidade para que todos os membros dos grupos tivessem a chance de emitir sua opinião, compartilhassem sentimentos ou experiências. O professor mediava os diálogos com cada estudante, com orientação e acompanhamento do ritmo do grupo. O que mais chamou atenção foi que houve uma diversificação das falas acerca do tema, envolvendo experiências no trabalho e vivências pessoais de violência (confissão/compartilhamento). As questões suscitadas, e objetivamente contempladas durante a atividade, envolviam a necessidade de assegurar relações empáticas de acolhimento saudável, a prática de escuta ativa, a dimensão ética do ser humano, a influência cultural e familiar, no trabalho desenvolvido na prática profissional.

Na Etapa 4, ao final, cada grupo elegeu um representante que ficou responsável por apresentar um resumo da discussão ocorrida em seu âmbito. Finalizou-se com a fala de uma das professoras, pontuando sobre a importância de se dar visibilidade ao problema da violência intrafamiliar. A troca de ideias e sentimentos produziu uma síntese da aprendizagem colaborativa desenvolvida entre pares enquanto grupos sociais, e, conseqüentemente, um enriquecimento mútuo na construção da competência para o enfrentamento dos desafios que irão encontrar no cotidiano profissional.

2. Aprendizagem e uso de recursos audiovisuais

A questão temática partiu da seguinte indagação: como promover a aprendizagem sobre violência intrafamiliar de forma efetiva para mobilizar, fortalecer e potencializar ações e serviços na perspectiva de uma nova atitude, compromisso e colaboração em relação ao problema?

Salienta-se que os conhecimentos relacionados à andragogia norteiam a importância da utilização de estratégias de ensino e aprendizagem que buscam valorizar os conhecimentos prévios advindos das experiências e, assim, mobilizar a motivação na educação do adulto. Promove-se, dessa forma, aprendizagem para a execução prática no cotidiano do trabalho por meio da reflexão e da resolução de problemas (CARVALHO et al., 2010).

O uso de ferramentas que possam favorecer experiências cotidianas tem repercussão no desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo, embalado com diálogo e liberdade. Com efeito, essas atitudes influenciam para a composição de um profissional apto a resolução de problemas e que se adapta com criatividade no mundo do trabalho (BOECKMANN et al., 2018).

Além disso, o uso de vídeo como ferramenta educacional é uma forma fácil e acessível ao professor e

que pode ser prontamente compreendida pelo estudante. Sua apresentação dinâmica, lúdica e visual torna-o um recurso apropriado para o processo ensino e aprendizagem, a ser utilizado no sentido de permitir a abordagem de temas e conteúdos que perpassam o cotidiano social e pedagógico, de forma a promover a absorção e interação conceitual. Mesmo com uma linguagem artística e aparatos tecnológicos, a criatividade dos vídeos e filmes tem a tendência de desafiar e envolver os estudantes (RIBEIRO, 2020).

A abordagem do que acontece habitualmente no dia a dia e a utilização de conceitos relacionados com o tema em sala de aula fazem do professor um agente de transformação na estruturação e na apreensão do conhecimento. A eficiência da atividade se torna real pela integração das ferramentas educacionais e pela participação ativa do estudante (RIBEIRO, 2020).

O movimento de conectar o adulto ao desenvolvimento de seu conhecimento, e a mobilizar sua capacidade e habilidades, leva-o à compreensão da utilidade do tema a ser ministrado. Ao ponderar sobre o ser humano, que é sensível a estímulos externos e internos, nota-se a tendência de receber maiores estímulos por fatores internos que envolvem o contentamento, autoestima, qualidade de vida e outros (CARVALHO et al., 2010).

A linguagem audiovisual, com sua imagem em movimento, “toca” o indivíduo de modo a agir no sensível e no concreto. Entre o vídeo e as atividades inseridas no contexto da aula são formadas novas pontes que culminam em múltiplas atitudes perceptivas. Os vídeos expressam uma linguagem sensível, plástica, com breves cenas que enfocam conteúdos mostrados paulatinamente numa comunicação sensorial-cinestésica que alcança até o racional. Essa tecnologia educacional desperta a curiosidade e motiva, tendo em vista que o fato mostrado com imagens e palavras tem força, e “o que não se vê perde a existência” (MORAN, 2000, p.36).

Destaca-se que as atividades em pequenos grupos apresentam um conjunto de fortalezas na formação de um espaço de compartilhamento. Dessa forma, a riqueza do momento apresenta-se por ter a atenção e a participação de seus membros com partilha de dúvidas, anseios, organização de ideias, colaborando, assim, para que o desempenho do profissional de saúde seja prático e reflexivo (MOURA et al., 2018).

A prática desse conjunto de atividade requer o alcance da promoção da articulação de conteúdos planejados, propostos pelo professor no sentido de salientar a absorção do conhecimento, junto com a vontade de querer aprender do estudante, ao se colocar como sujeito ativo. Esse processo culmina com a

aprendizagem significativa relatada por Ausubel, em que, ao reunir a seus conhecimentos prévios dados recentes, estabelece conexões entre o conhecimento que já existe e o novo (MOREIRA; MASINI, 2001).

Portanto, as atividades educacionais preparam os profissionais de saúde significativamente para reconhecer os sinais de violência intrafamiliar, identificar e dar visibilidade ao problema de saúde, seja ele relacionado à criança, adolescente, mulher, idoso ou portador de deficiência. A ação conjunta, tanto em casos de suspeitas ou confirmação, é de equipe interdisciplinar e interinstitucional para a proteção e a assistência às pessoas nessa situação (MACHADO et al., 2014)

Considerações finais

Por meio da realização deste relato de experiência, que envolveu a utilização de recurso audiovisual vídeos para a aprendizagem e reflexão sobre a temática violência intrafamiliar pelos profissionais de saúde, foi possível observar sua relevância como estratégia educacional.

Os vídeos expressaram bem a problemática enfrentada pelas pessoas que são agredidas, com

repercussão e desdobramentos previstos nos planos de aula, estimulando múltiplas aprendizagens, com estímulo ao diálogo e à reflexão, não somente sobre o conteúdo escolhido, mas também sobre a leitura de mundo desses profissionais. O vídeo foi utilizado como um suporte para se desenvolver um olhar mais apurado em relação à violência intrafamiliar, como estímulo para distinguir os pontos no cotidiano de trabalho e de vida engendrados por questões sociais, éticas e econômicas, dentre outras características que compreendem a complexidade da existência humana.

Diante disso, destacamos que as atividades superaram o perfil de capacitação e educação permanente, não se limitando a debates sobre a atuação profissional diante de uma violência intrafamiliar. Ao contrário, descortinou, deu visibilidade ao problema e ao mesmo tempo promoveu uma provocação para a temática, por meio da comunicação sensorial-cinestésica. Dessa forma, produziu atitudes perceptivas, no sentido de se perceber e de perceber o outro como partícipes da vida enquanto pessoas, seres humanos que são. E, assim, a atividade promoveu subsídios para prevenção e identificação da problemática da violência nos distintos cenários da vida. ■

Referências

- ALVARÃES, Alberto; ROCHA, Alexandre; BARRETO, Ediane. O uso de filmes no curso superior de administração como contribuição para a aprendizagem significativa. In: SEGET – SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7., 2010, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/260Uso%20de%20filmes%20para%20a%20aprendizagem%20significativa%20versao%206%20para%20SEGET.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BOECKMANN, Lara Mabelle Milfont; MOURA, Ana Socorro de; MIRANDA, Maria Auren de Lavor Miranda; MOURA, Frederico Caetano de; LOPES, Patrícia Archanjo; COSTA, Arlete Rodrigues Chagas da. Realistic Simulation as Strategy of Problematization in Women's Health. **Psychology Research**, v. 8, n. 3, p. 126-131, mar. 2018. Disponível em: <https://www.davidpublisher.org/index.php/Home/Article/index?id=35576.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Série Cadernos de Atenção Básica; n. 8; Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 131). Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/violencia_intrafamiliar_cab8.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.
- CARVALHO, Jair Antonio; CARVALHO, Marlene Pedrote de; BARRETO, Maria Auxiliadora Motta; ALVES, Fábio Aguiar. Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto. **REMPEC – Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 3, n. 1, p. 78-90, abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21105/12579>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- FIDELIS, Joao Pedro S.; GIBIN, Gustavo B. Contextualização como Estratégia Didática em Vídeo-aulas de Química. **Revista Virtual de Química**, v. 8, n. 3, p. 716-722, maio/jun. 2016. Disponível em: <http://static.sites.sbq.org.br/rvq.sbq.org.br/pdf/8n3a13.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

- MACHADO, Juliana Costa; MACHADO Rodrigues Vanda Palmarella; VILELA, Alba Benemerita Alves; SIMÕES, Aline Vieira; MORAIS, Roberta Laíse Gomes Leite; ROCHA, Elisama Nascimento. Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da equipe de Saúde da Família. Dossiê Violência: questão de interface entre a saúde e a sociedade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 828-840, jul./set. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300828 Acesso em: 31 ago. 2020.
- MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de; GOMES, Nadirlene Pereira; MOTA, Rosana Santos; CAMPOS, Luana Moura; CAMARGO, Climene Laura de; ANDRADE, Selma Regina de. Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. e20170003, jan. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300828. Acesso em: 31 ago. 2020.
- MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000. (Coleção: página Educação). Disponível em: https://www.academia.edu/10222269/Moran_Masetto_e_Behrens_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_MEDIA%C3%87AO_PEDAGOGICA. Acesso em: 28 ago. 2020.
- MOREIRA, Marco Antonio; MASINI, Elcie F. Salzino. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- MOURA, Ana Socorro de; GHERARDI DONATO, Edilaine Cristina da; MOURA, Frederico Caetano; MELO, Manuela Costa; GUSSI, Maria Aparecida; CARDOSO, Fátima Aparecida. Jogo dramático e a saúde mental do docente. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 29, n. 4, p. 265-272, 2018. Disponível em: <http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/330/239>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- RIBEIRO, João Pedro Mardegan. Filmes e softwares educacionais no ensino de Física: uma análise bivariada. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e36984998, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002999640>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- SCHEK, Gabriele; SILVA, Mara Regina Santos da; LACHARITÉ, Carl; CÉZAR-VAZ, Marta Regina; BUENO, Maria Emília Nunes; VENTURA, Jeferson. Práticas profissionais que silenciam a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 1, e1680016, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072018000100311&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em 27 ago. 2020.
- VIEIRA NETTO, Moysés Francisco; DESLANDES, Suely Ferreira. As Estratégias da Saúde da Família no enfrentamento das violências envolvendo adolescentes. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 1583-1596, maio 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000501583&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2020.